Capítulo 34

O desenvolvimento do comércio internacional

Os primeiros tempos do comércio foram difíceis. Faltavam bons navios, instrumentos, portos aparelhados, estradas transitáveis. Por terra, os mercadores viajavam acompanhados de guardas armados. E ainda havia os pedágios, que os senhores feudais cobravam apenas para aumentar suas rendas.

Com o surgimento de mercados urbanos, companhias mercantis e contabilidade, o comércio deixou de ser itinerante e cíclico, passando a ter caráter constante. Foi uma revolução. Havia um fator favorável ao comércio internacional: a passagem pelas fronteiras era livre. As barreiras políticas só começaram a aparecer no século XV, com a formação dos Estados e o fortalecimento do nacionalismo.

1. Rotas marítimas: Mediterrâneo, Norte e Báltico

A partir do século XI, desaparece o comércio árabe no *Mediterrâneo*. Gênova, Pisa e Amalfi passam a liderar o comércio no Mediterrâneo ocidental. Veneza e Sicília monopolizam o comércio com o Oriente: compram sedas, brocados, estofados de Damasco, algodão, porcelana, marfim, perfumes; fornecem tecidos de Milão, Florença e outras regiões.

Veneza tornou-se a primeira potência marítima, ligada a Bizâncio e em contato com o resto da Europa, pois controlava as passagens dos Alpes. Seus ducados de ouro eram aceitos por toda parte, valendo como moeda internacional.

A segunda força era Gênova. Em 1407, a fundação da Casa di San Giorgio, primeiro banco público da Europa, simbolizou sua pujança. Os italianos comerciavam com os muçulmanos, no Oriente Médio e na África; punham o espírito de lucro acima de tudo, mesmo ameaçados de excomunhão pelo papa. Os venezianos, por exemplo, vendiam madeira e ferro aos muçulmanos, mesmo sabendo que se transformariam em barcos e armas usados contra os próprios marinheiros venezianos; e, para os haréns sírios e egípcios, vendiam jovens escravas capturadas no Adriático.

O comércio no norte europeu jamais havia desaparecido de todo; na época em que os árabes controlavam o Mediterrâneo, os normandos garantiam a circulação de mercadorias entre Oriente e Ocidente. Isto explica por que a rota do *Mar do Norte* e do *Mar Báltico* tornou-se uma das mais ativas no comércio internacional. Ela completava o circuito comercial que interligava os entrepostos do Oriente Médio (como Constantinopla), as cidades italianas e a Flandres. Esta era o terceiro centro comercial europeu na Idade Média. Seus tecidos de lã chegavam aos mais distantes mercados orientais.

Desde o século XI, comerciantes alemães freqüentavam Visby, no Báltico, levando trigo e sal e trazendo pescado, peles e madeira. Em 1160, surgiu uma companhia que monopolizou esse comércio. Em 1230, comerciantes de Lübeck, Hamburgo e outras cidades fundaram uma associação para evitar a concorrência inglesa. As duas entidades uniram-se em 1358, para enfrentar os piratas e o rei dinamarquês, que cobrava altos pedágios. Surgia a Grande Hansa (Liga) Germânica, com entrepostos em Londres, Bruges, Bergen e Novgorod; comerciantes de noventa cidades aderiram, e a liga conquistou enorme força. Controlando o comércio do norte europeu, transacionava com cereais, peles, cera, mel, madeira, alcatrão, pescado salgado; importava tecido da Flandres, lã da Inglaterra, especiarias do Oriente, vinho e sal do sul europeu.

2. Rotas terrestres

A rota mais importante ligava o norte da Itália à Flandres, completando a circulação comercial que ligava os três centros dinâmicos da época: Constantinopla, cidades italianas e Flandres. No início do século XIII, foi aberta a rota de São Gotardo, graças à primeira ponte de ferro que se conhece, ligando Milão e Europa central. No século XIV, passou-se a usar a passagem de Brenner, ligando Veneza a Augsburgo, na Alemanha, e atingindo Viena, Praga e Cracóvia.

O conjunto de vias que ligava o norte da Itália à Flandres chama-se Rota de Champagne, pois

esta região era o grande centro das trocas. As rotas secundárias eram as do Reno, dos Pireneus (Espanha—Champagne) e a da Bretanha (Champagne—Flandres—Inglaterra).

3. O comércio internacional se organiza

As *feiras* deram impulso enorme às trocas européias depois do século XI. Havia um elemento indispensável à sua prosperidade: a proteção dos senhores feudais e dos reis, que nelas tinham interesse por causa dos impostos cobrados, em troca de salvos-condutos e guardas protetores contra bandidos.

O funcionamento obedecia a mecanismo próprio: primeiro, os tecidos; depois, couros, peles, animais, vinho, trigo e toda espécie de mercadoria vendida a peso, assim como matérias-primas e drogas medicinais. As feiras permitiam o desenvolvimento da técnica de câmbio. Os cambistas também emprestavam dinheiro, contribuindo para o desenvolvimento dos instrumentos de crédito, como as *letras de feira*.

As feiras mais importantes da Europa se realizavam na região de Champagne, em posição privilegiada, no cruzamento das rotas que vinham do norte da Itália e da Provença (sul da França) e se dirigiam à Flandres e à Alemanha.

Várias razões explicam a crise das feiras no fim do século XIII. Uma delas foi a sedentarização do comércio, resultante do crescimento das cidades; outra, o desenvolvimento da indústria têxtil italiana, que fechou o mercado italiano aos panos flamengos; outra ainda, a quantidade de ouro que se concentrou em Gênova, provocando a falência de casas comerciais italianas que operavam na região de Champagne.

O desenvolvimento do comércio internacional fez surgir as sociedades capitalistas, as *companhias mercantis*. A sociedade preferida foi a *comandita*, surgida em Gênova e Pisa: o capitalista fornecia o capital, e os lucros eram repartidos em 75% para ele e 25% para o comerciante.

Existiam ainda sociedades econômicas familiares. Os empréstimos bancários rendiam de 7 a 15% ao ano em Florença e de 20 a 33% em outras cidades. Os fundos vinham de depósitos de clientes, aos quais se garantia um lucro de 6 a 10% ao ano. Os negócios estavam sujeitos a azares como crises de mercado, guerras, comportamento dos reis. Os Frescobaldi, Peruzzi e Bardi foram à falência por financiar os reis ingleses durante a Guerra dos Cem Anos. A mais famosa companhia italiana foi a dos Medici, de Florença, com filiais em Roma, Veneza, Milão, Genebra, Bruges, Londres, Avignon e Lyon.

As *moedas* emitidas pelo rei tinham circulação geral, e as dos senhores feudais, circulação local. Diante da variedade de moedas, era necessário um ponto de referência, para se saber o valor de cada uma. Foi criada a *moeda de conta*, originalmente uma moeda cunhada, que aos poucos perdeu o valor e deixou apenas o valor nominal. Este valor era usado como referência para calcular o valor dos produtos.

Com o tempo, também passou a faltar metais (ouro, prata, cobre) para cunhar moedas suficientes. Depois das letras de feira, surgiram as *letras de câmbio*, documentos pelos quais a pessoa declarava ter recebido uma soma e se comprometia a devolver, junto com o juro, em certa data.

4. Acumulação de capital

O desenvolvimento do comércio fez a Igreja mudar de atitude e tornar mais flexível a proibição da usura. Passou a ser aceito o empréstimo a juros nos seguintes casos: quando o emprestador corria risco de perder seu capital; quando o emprestador deixava de ganhar enquanto seu capital estava emprestado; quando havia possibilidade de perda eventual. Autores modernos discordam da tese de que a teoria da usura impediu o desenvolvimento do capitalismo. Sustentam que, ao impedir o empréstimo a juros, a Igreja forçou os possuidores de capital a investimentos produtivos, em atividades agrícolas, comerciais e industriais.

Questões propostas

1. Quais os grandes obstáculos ao desenvolvimento das atividades comerciais na Europa?

2. Quais foram as principais rotas e potências marítimas a partir do século XI?

3. Qual foi a maior força comercial dos mares Báltico e do Norte?

4. Qual a principal rota terrestre da Europa?

5. Que evento surgiu e dinamizou a circulação comercial? Como se desenvolvia esse tipo de evento? Por que entraram em decadência?

6. Qual foi e como funcionava o tipo de sociedade mercantil preferido na Baixa Idade Média?

7. Qual foi a companhia familiar mais famosa? Por que faliram as outras?

8. Com que padrão se orientavam os comerciantes da Idade Média diante da diversidade de moedas existentes?

9. Como se enfrentou a escassez de metais para fabricar mais moedas?

10. Como reagiu a Igreja diante do desenvolvimento comercial?

Cena de uma feira internacional na Idade Média.